



Daniel Mansur

OBSERVATÓRIO

UM OLHAR SOBRE
"HABITÁVEIS", DE LILIANE DARDOT

RENATA MARQUEZ

O lugar privilegiado da prática do desenho como observatório íntimo e solitário do mundo, tal como Liliane Dardot a executa há décadas, apresenta-se, dessa vez, compartilhável. Habitável? O próprio lugar da observação do desenhista é agora o ponto de interesse que, no seu processo de desenvolvimento como pesquisa, acaba por conformar novas situações, situações espaciais de desenho. Aquele espaço outro – o campo, o jardim, o microcosmo formal explodido (que às vezes nos lembrava, aqui do agreste, as fotografias de Karl Blossfeldt) já vinha sendo transportado como imagem para a sua obra, seja como memória de formas na superfície da pintura ou como a memória metódica dos cadernos de anotações, mas agora esse espaço deixa de ser apenas uma superfície de registro para desdobrar-se em lugar.

Esse novo lugar compartilhável contém aqueles espaços outros já conhecidos, sejam eles espaços agrestes ou arquitetônicos, mas apresenta-se agora como um lugar de acumulações. Ao operar estratégias artesanais de construção de formas-desenho, a artista nos oferece um conjunto de espaços peculiares de observação do desenho, desenhos que forçosamente se sobrepõem à observação do espaço exterior imediato, através da nossa imersão nos cubos e da luminosidade na semi-transparência do material usado como suporte. O desenho, então, funciona como uma espécie de lente de aumento, uma forma-calibragem do olhar que maneja muito bem as escalas do mundo.

O novo lugar, esse observatório habitável por nossas cabeças, feitos na medida delas, deslocamos a uma outra categoria de espaço: o espaço da observação científica. Por que não falar de laboratório, esse ambiente controlado que finalmente se assemelha aos museus e galerias, tão assepticamente branco quanto eles mas, ao mesmo tempo e imprevisivelmente, tão incontrolável no que diz respeito aos seus desdobramentos, às suas interfaces com o mundo exterior?

As **escalas do mundo** são assuntos que permeiam os trabalhos expostos e são o fundamento problemático de qualquer prática da observação, seja ela científica ou artística. Navegando entre as escalas, Liliane produz um novo grupo de trabalhos que, através da fotografia, revela e compartilha um ponto de vista transformador dos objetos. A fotografia como instrumento de descoberta ou invenção, prótese visual ao mesmo tempo que fábrica de signos, redesenha objetos encontrados, redefine a sua escala, reconhece-os distintos, e finalmente transporta-os para outra dimensão de entendimento e possibilidade. O conjunto de vasos de cerâmica fotografados uniformemente, sistematicamente, são uma espécie de *objet trouvé* incorporado ao imaginário artístico-científico: a fotografia dos vasos produzidos no Nordeste dá-lhes outros usos. Na Grécia as ânforas utilizadas para conservar vinho, azeite, mel e água serviam de tela de desenho e pintura (é inevitável pensar nessa história antiga) e as ânforas brasileiras, vendidas em beira de estrada, que têm naturalmente uma arqueologia bem mais recente e rudimentar, trazem a pergunta: já carregaram algo de fato ou são vítimas indefesas do artesanato-em-série? Liliane nos conta que são vasos artesanais já muito usados, com o registro em sua superfície dos anos de uso como recipientes para guardar água. Seus grãos de barro queimado, suas cores de barro queimado, suas formas irregulares de barro queimado são reapresentadas, cada uma delas, como um universo-contêiner, um avesso que mimetiza **um planeta a ser conhecido**, disfarçando o seu uso cotidiano ao conectá-lo com uma possível universalidade. O *objet trouvé* transforma-se em composição de ciência-ficção, um acidente de percurso (na beira da estrada) que muda o destino do cotidiano.

A situação explícita de observatório que permeia todos os trabalhos expostos sugere a livre relação da arte para com a ciência. Vestígios de observação botânica, genética e astronômica são encontrados nas imagens imersivas que são, elas mesmas, construídas através de um procedimento geológico: camadas de desenhos, camadas de papel, camadas de tempos acumulados. Uma nova organização das coisas é formulada: assistimos à classificação taxonômica muda dos planetas recém-descobertos; ao esquema esvoaçante da reprodução lenta das sementes das plantas; às identidades microscópicas dos seres codificados e protagonizamos movimentos de entrada e saída nesse **universo de reconhecimento**.

RENATA MARQUEZ

é Professora de Análise Crítica da Arte na Escola de Arquitetura e Design da UFMG e curadora do MAP. Editora e ensaísta, publicou *Espaços Colaterais* (2008), *Domesticidades: guia de bolso* (2010) e *Atlas Ambulante* (2011).

Daniel Mansur



